

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

LEANDRO SILVA VILAÇA

ANDRAGOGIA E A UTILIZAÇÃO DA METODOLOGIA DE APRENDIZAGEM ATIVA
NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO: UMA INTERAÇÃO ENTRE PROFESSOR
ALUNO

ANÁPOLIS – GO
2021

LEANDRO SILVA VILAÇA

ANDRAGOGIA E A UTILIZAÇÃO DA METODOLOGIA DE APRENDIZAGEM ATIVA
NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO: UMA INTERAÇÃO ENTRE PROFESSOR
ALUNO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Especialista em Docência Universitária, sob a orientação da Profa. Ma. Allyne Chaveiro Farinha.

ANÁPOLIS – GO

2021

LEANDRO SILVA VILAÇA

ANDRAGOGIA E A UTILIZAÇÃO DA METODOLOGIA DE APRENDIZAGEM ATIVA
NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO: UMA INTERAÇÃO ENTRE PROFESSOR
ALUNO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Especialista em Docência Universitária, sob a orientação da Profa. Ma. Allyne Chaveiro Farinha.

Data da aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Nome do Orientador

Profa. Ma. ALLYNE CHAVEIRO FARINHA

Nome do Convidado

Profa. Esp. ARACELLY RODRIGUES LOURES RANGEL

Nome do Convidado

Profa. Dra. JULIANA SANTOS DE S. HANNUM

ANDRAGOGIA E A UTILIZAÇÃO DA METODOLOGIA DE APRENDIZAGEM ATIVA NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO: UMA INTERAÇÃO ENTRE PROFESSOR ALUNO

Leandro Silva Vilaça ¹
Allyne Chaveiro Farinha ²

RESUMO Este escrito tem como objetivo buscar pontos que corroboram a participação do aluno na sala de aula, fazendo que ele se torne protagonista do seu processo de aprendizagem. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica sobre a temática em questão, aliada a um estudo de caso com uma turma do oitavo período do curso de Administração em uma Instituição de Ensino Superior na cidade de Anápolis para verificar se as principais abordagens das metodologias ativas pautadas nas teorias de aprendizagem, de John Dewey (1859 – 1952). Percebeu-se que os docentes contemporâneos buscam estimular os discentes a serem protagonistas do processo de ensino-aprendizagem, mas ainda há avanços necessários. Logo, espera-se que esse estudo amplie as discussões acerca dessa temática e sirva como suporte teórico para futuras discussões acadêmicas.

Palavras-chave: Ensino Superior. Processo de ensino-aprendizagem. Metodologia ativa.

ABSTRACT: This paper aims to find points that corroborate the student's participation in the classroom, making him become protagonist of his learning process. In order to do so, a bibliographical research was carried out on the subject in question, together with a case study with a group of the eighth period of the Administration course in a Higher Education Institution in the city of Anápolis to verify if the main approaches of the active methodologies based on the theories of learning, by John Dewey (1859 - 1952). It was noticed that contemporary teachers seek to encourage students to be protagonists of the teaching-learning process, but there are still necessary advances. Therefore, it is hoped that this study will broaden the discussions about this subject and serve as a theoretical support for future academic discussions.

Keywords: Higher Education. Teaching-learning process. Active methodology.

¹ Graduado em Gestão Financeira, e-mail: leandrovilaca23@gmail.com:

² Mestre em História, e-mail: allyne.chfarinha@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A metodologia de aprendizagem ativa é uma ferramenta no processo metodológico que possui como características a inserção do aluno como agente principal no processo de ensino-aprendizagem. Entende-se que há muitas metodologias a serem utilizadas no ensino-aprendizagem na busca de construir, identificar, demonstrar os processos a serem praticados na docência. Essas visam à interação entre professor e aluno que permeie todo um espaço de tempo e permita o discente se desenvolver e contribuir na formação da sua carreira profissional.

Os efeitos serão benéficos para oportunizar o discente a ser protagonista, as quais viabilizarão uma formação ativa nas suas atividades, angariando experiências que irão fomentar suas buscas profissionais e pessoais, pois, como apresenta Gemignani (2012, p.4), “nessa nova pedagogia, o aluno tem papel ativo na busca e construção do conhecimento, sempre estimulado pelos problemas que lhe são colocados”.

Visto a necessidade de contínua mudança no processo de ensino aprendizagem, a metodologia ativa apresenta uma ferramenta a ser utilizada nas Instituições de Ensino Superior (IES), que potencializa os estudantes a serem protagonistas de seu aprendizado. Para isso, baseiam-se em críticas construtivas, reflexões subsidiadas na formação humana e profissional, além do estímulo ao desenvolvimento de novos processos a serem desenvolvidos e criados pelos próprios alunos.

Essa metodologia é estudada por diversos autores como Berbel (2007, 2011), Pereira et al. (2009), Freire (2006) , por exemplo, e se destaca continuamente nas salas de aulas, por propor uma forma de interação entre professor e aluno, um método de aperfeiçoar e desenvolver as capacidades do estudante, o que propicia entender aspectos socioeconômicos, afetivos, políticos e culturais em sua totalidade.

O processo de interação entre professor e aluno fez com que aumentasse o número de estudantes interessados no processo de aprendizagem contínua, a fim de se sentirem percussores de sua aprendizagem. Nesse sentido, a relação subjugava o acompanhamento de um processo desde a estadia do graduando nas universidades até a sua gestão de carreira, assim - o nascimento do interesse pressupõe a dedicação que se é oferecida aos estudos.

Conforme DeAquino (2007), o modelo andrológico de Knowles, apresenta

cinco princípios a serem apresentados e aperfeiçoados nas salas de aulas: o aluno torna-se menos dependente e passa a autogerir sua experiência de aprendizado; o aluno inicia o aprendizado com o conhecimento e experiência prévios relevantes em quantidade e diversidade; o aluno está pronto para aprender quando necessita de conhecimento para uma aplicação prática; currículo voltado para a execução de uma atividade ou solução de um problema combinando elementos e experiências de vários assuntos e maior influência de motivadores internos como autoestima, reconhecimento ou melhoria da qualidade de vida.

Compreende-se por andragogia o conceito apresentado por Martins (2013 p.145) “a arte ou ciência de orientar adultos a aprender.” Esse conceito está intrinsecamente ligado à metodologia ativa, uma vez que ambos concretizam que o aluno, em especial o adulto, com mais de 30 anos, está no centro do seu processo educacional. Assim, a educação está baseada nas relações constantes de interação entre o professor e o aluno, em que o professor se torna mediador do processo de ensino e o aluno protagonista do seu processo de aprendizagem, entendendo a importância da sua participação nessa relação para a construção de uma sociedade futura.

A administração surgiu no Brasil em 1984, na Universidade de São Paulo. Desde então, o curso vem passando por diversos marcos regulatórios, destacando-se a Lei nº 4.769, de 9 de setembro de 1965, Parecer nº 307 de 1966, as Resoluções nº 2 e nº 4 de 1993, a resolução nº 4 de 13 de julho de 2005. Esta última destaca-se por elencar as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de administração, descrita na própria resolução nº 4 de 2005.

O intuito de analisar tais marcos normativos é verificar se existe, legalmente, uma abordagem mais dinâmica do curso, voltando-se para a utilização de métodos ativos de ensino. Alguns estudos já realizados abordam a importância de se utilizar tal prática pedagógica no ensino superior em cursos como administração, direito e outros.

2 METODOLOGIA

Para a elaboração desse texto, foi realizada uma pesquisa de revisão bibliográfica, em que foram obtidos artigos analíticos, de estudos de caso e livros, pesquisados entre os anos de 1970 a 2018. Os artigos selecionados como fontes

secundárias consideraram em suas pesquisas o conceito de metodologias ativas abordadas em salas de aula, conceituando os tipos de métodos que estão sendo utilizados atualmente.

Os principais autores utilizados para se compreender o conceito e o desenvolvimento da metodologia de ensino ativo foram: Berbel (2001, 2007, 2011), Pereira et al. (2009), Freire (2006), Gemignani (2012). Sendo realizada leitura crítica de textos, que foram utilizados como base para a elaboração das perguntas do questionário aplicado no estudo de campo realizado.

Logo, para aprofundamento a respeito da utilização de metodologias ativas, foi realizada uma pesquisa de campo com 19 alunos do curso de Administração do oitavo semestre do ano de 2018 de uma instituição de ensino privada de Anápolis - GO. Foi realizada a solicitação aos alunos para que eles respondessem uma pesquisa composta de onze perguntas referentes investigação. O objetivo do questionário foi analisar se os estudantes entendem o processo de metodologia ativa e o vivenciam no Ensino Superior.

3 RESULTADO E DISCUSSÃO

3.1 METODOLOGIA ATIVA

Ao longo do século XX, surgem metodologias de aprendizagem que valorizam a interação entre professor aluno, pois antes o docente, em uma perspectiva tradicional, era visto como protagonista da educação e passa a ser percebido como colaborador, permitindo por sua vez participar da formação construindo uma rede que possibilite um diálogo amplo, claro e construtivista.

Durante muitos séculos, a metodologia de ensino era vista por meio de uma concepção tradicional e enrijecida, em que o ensino era compreendido como um conjunto padronizado e sistematizado de informação. Desse modo, o docente era visto como uma fonte permanente de informação, existindo, também, um preceito dentro da sala de aula, onde o aluno é o receptor e o professor o locutor do conhecimento. Como ressalta Cunha et. al. (2008, p.122).

o ensino tradicional é constituído de certezas e estas são valorizadas tanto no comportamento do professor quanto no do aluno. Ele é, também, normativo prescritivo e acompanha a lógica positivista da organização da ciência, em especial protegendo a ideia de que a teoria vem antes da

prática.

Um dos precursores da mudança no método de aprendizagem é o filósofo John Dewey. Segundo Gadotti (2001, p.148 apud BERBEL, 2011, p.30), Dewey ressalta seu ativismo na educação, afirmando que “praticou uma crítica contundente à obediência e submissão até então cultivadas nas escolas”, sendo essas duas características vistas como os principais obstáculos da educação.

Com o desenvolvimento de novos debates no campo da educação, apresentou-se novos pensamentos que divergiam do método tradicional de ensino. As novas metodologias apresentam condições que proporcionam o desenvolvimento de um processo educacional baseado na troca mútua de informações. Desse modo, professor e aluno ingressam em um ciclo contínuo de ensinar e aprender.

Conforme Martins et al. (2015), derivando-se desses novos pensamentos, a metodologia ativa de ensino e de aprendizagem surge como um processo de educação em que o docente deixa de ser o ator principal em sala de aula, dando espaço para que o próprio aluno possa desenvolver seus estudos de maneira independente. Desse modo, o professor se torna uma “ponte” entre a informação e o aluno. Assim, como os autores expõem:

O docente exige do aluno um maior envolvimento no processo de ensino e de aprendizagem, pois ele é o agente responsável, tendo de ter a iniciativa, tomar decisões, discutir opinião com os colegas, posicionar-se diante deles, etc. Em virtude disso, Berbel (2011) salienta que as metodologias ativas de ensino e de aprendizagem contribuem com a promoção da autonomia dos estudantes. (MARTINS et al. 2015, p.18990).

Compreende-se assim que o objetivo da metodologia é desenvolver alunos críticos, capazes de analisar a complexidade do mundo que o cerca, desenvolvendo habilidades e reconstruindo uma noção de cidadania através de uma abordagem pedagógica pautada em preceitos inter, multi e transdisciplinar. (COLOMBO; BERBEL, 2007; GEMIGNANI, 2012).

A metodologia ativa de ensino é atualmente desenvolvida nas Instituições de Ensino Superior. O método mais utilizado é a problematização de situações, método já proposto por Dewey. Segundo Pereira et al. (2009), o objetivo é instigar o aluno a pensar em soluções através de situações que gerem dúvidas ou perturbações intelectuais. Segundo a autora, “O método ‘dos problemas’ valoriza experiências concretas e problematizadoras, com forte motivação prática e estímulo cognitivo para possibilitar escolhas e soluções criativas.” (PEREIRA et al. 2009, p.158). Desse

modo, o aluno assume a responsabilidade por seu aprendizado, uma vez que protagoniza o papel de pensador.

Berbel (2011, p.29) também explana sobre a utilização da problematização na metodologia ativa, ao estudar Mitri et al (2008), Berbel (2011) afirma que a metodologia ativa utiliza “a problematização como estratégia de ensino/aprendizagem, com o objetivo de alcançar e motivar o discente, pois diante do problema, ele se detém, examina, reflete, relaciona a sua história e passa a ressignificar suas descobertas.” De tal modo, a metodologia pautada na problematização busca o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos, a fim de prepará-los qualificadamente para uma carreira profissional e para a prática cidadã.

O método mais abordado quando se utiliza a problematização na metodologia, é o Arco de Maguerez. Tal processo foi exposto por Bordenave e Pereira (1989) e amplamente estudado por Colombo e Berbel (2007). Segundo esses autores, o arco é um método rico para estimular os estudantes a serem protagonistas de sua educação, pois propõe cinco passos que deverão ser seguidos por eles. Esta metodologia busca desenvolver diferentes habilidades intelectuais, demandando esforços na busca de resultados inovadores para uma problematização advinda da realidade (COLOMBO; BARBEL, 2007)

Segundo Rocha (2008 p.7):

Tal arco parte da realidade social e após análise, levantamento de hipóteses e possíveis soluções, retorna à realidade. As consequências deverão ser traduzidas em novas ações, desta vez com mais informações, capazes de provocar intencionalmente algum tipo de transformação nessa mesma realidade.

Assim, de acordo com as leituras dos autores mencionados, podem-se estabelecer cinco etapas a serem percorridas no Arco de Maguerez: 1. Observação da realidade; 2. levantamento dos problemas observados; 3. Análise dos problemas expostos, buscando soluções; 4. Elaboração de um hipótese e solução; 5. Aplicação da hipótese a realidade observada. (COLOMBO; BBERBEL, 2007, ROCHA, 2008)

Atualmente, o processo de ensino nas IES tem caminhado cada vez mais para uma abordagem da metodologia ativa. Isso pode ser comprovado com o aumento das aulas dinâmicas nas instituições, em que os docentes propõem aulas inversas, apresentações de seminários, grupos de estudos, grêmios estudantis e outras forma de protagonismo estudantil. Todas essas ações reforçam o pensamento

de Berbel (2011) sobre o aluno sendo protagonista de seu aprendizado.

Assim, para autores como Berbel (2011), Pereira (2012) e Freire (2015), a utilização dessas novas práticas pedagógicas para aperfeiçoar o processo de ensino e de aprendizagem modifica a postura do professor em sala de aula. Compreende-se que tal profissional influencia no desenvolvimento do aluno. O docente se torna o caminho entre o ensino e o aluno, deixando de ser uma fonte primária e exclusiva de conhecimento, como abordado na metodologia tradicional de ensino.

Como ressalta Gemignani (2012), o método tradicional de ensino se mostra ineficaz e ineficiente diante das novas realidades, exigindo a formação de docentes aptos a agregar novas práticas. Como a autora disserta, são exigidas dos docentes as capacidades de “pensar, correlacionar teoria e prática, buscar, de modo criativo e adequado às necessidades da sociedade, a resolução dos problemas que emergem no dia-a-dia da escola e no cotidiano” (GEMIGNANI, 2012, p.6).

O professor perpassa as formas de ensinar se tornando um facilitador do processo de ensino aprendizagem, tornando o conteúdo apropriado e com elementos que o próprio aluno desenvolve e elabora métodos de ensino, uma vez que seu engajamento pela área de interesse é atribuído ao próprio. Berbel (2011, p. 29) caracteriza o aluno como sujeito capaz de desenvolver a sua própria metodologia de ensino, buscando através do interesse formas de aprimoramento nos seus estudos, evoluindo gradativamente, sendo protagonista do seu processo de ensino aprendizagem.

Nesse caminho, o professor atua como facilitador ou orientador para que o estudante faça pesquisas, reflita e decida por ele mesmo, o que fazer para atingir os objetivos estabelecidos. Segundo o autor, trata-se de um processo que oferece meios para que se possa desenvolver a capacidade de análise de situações (BASTOS, 2006 apud BERBEL, 2011 p.29).

O papel do professor em sala de aula é reformulado, deixando de ser o protagonista central do ensino e passando a utilizar, de maneira efetiva, os recursos da metodologia ativa. Desse modo, o ensino não é um domínio exclusivo do docente, mas passa a ser desenvolvido dentro da relação professor/aluno, trazendo benefícios pedagógicos a ambos.

Quando se analisa o papel do docente na Metodologia da Problematização – Arco de Magueréz – Gemignani (2012, p.7) ressalta a função do docente como mero facilitador. O professor:

Deverá conduzir os estudantes a observar a realidade. Em seguida, discutir em pequenos grupos os conhecimentos prévios sobre a situação, propor uma reflexão e uma análise que conduzam à identificação dos pontos-chave do problema, teorizar, gerar hipóteses sobre as causas para a resolução do problema e aplicá-las à realidade.

Desse modo, em todo o processo o docente é um mero condutor ou, como a autora ressalta, um facilitador para o desenvolvimento crítico e educacional do aluno.

Segundo Vasconcellos, Berbel e Oliveira (2009), a Metodologia da Problematização contribui para a formação continuada do professor, dando liberdade para o desenvolvimento de pesquisas, formando o professor-pesquisador (BERBEL, 2011). Assim, o professor tem maior autonomia e responsabilidade no processo de ensino, como disserta Veiga (2004 apud GEMIGNANI, 2012), uma vez que é caracterizado ao docente uma autonomia e responsabilidade no processo de ensino, assim como na avaliação seleção crítica, materiais curriculares e outros instrumentos didáticos, requerendo uma formação continuada. Para concluir seu pensamento, Gemignani (2012, p.10) ainda afirma que:

É imprescindível, portanto, a formação de um docente prático-reflexivo, dotado de conhecimento e habilidades e, principalmente, capaz de refletir sobre a sua prática.

Podemos ressaltar que o papel ativo do docente, nos processos educacionais, deve se refletir no desenvolvimento de uma atitude que se articule com a prática interdisciplinar, ao promover rupturas nos modos convencionais de conceber e praticar a educação.

Contrapondo a ideia de Berbel (2011), Freire (2015) ressalta como um dos grandes problemas da educação o fato dos alunos não serem estimulados a pensarem autonomamente. Nesse sentido, evidencia-se o papel do docente que deve:

[...] assegurar um ambiente dentro do qual os alunos possam reconhecer e refletir sobre suas próprias ideias; aceitar que outras pessoas expressem pontos de vista diferentes dos seus, mas igualmente válidos e possam avaliar a utilidade dessas ideias em comparação com as teorias apresentadas pelo professor (JÓFILI, 2002, p. 196 apud MARTINS et. al. 2017, p. 157).

O aluno permeando e mapeando sua forma de estudo, inicia um processo de construção continua de seu entendimento sobre a forma de aprender, destacando e compreendendo a ideia do outro, visando compreender os pensamentos que os são atingidos. É possível que a postura do orientador seja essencial e significativa no processo de aprendizagem do aluno ao tornar o ambiente seguro, agradável e

estável para que o orientando possa desenvolver aspectos que embasem a sua criatividade.

A partir da metodologia ativa, é compreendido que o aluno é o ator central de seu ensino. Assim, cabe ao discente maximizar rendimento de seus estudos, uma vez que o interesse pelo ensino vem dele próprio. Segundo Paulo Freire (1996 apud BERBEL, 2011 p.27), “na educação de adultos, o que impulsiona a aprendizagem é a superação de desafios, a resolução de problemas e a construção do conhecimento novo a partir de conhecimentos e experiências prévias dos indivíduos”.

A ideia apresentada por Freire (1996) e Berbel (2011) reforçam a crítica de John Dewey, apresentada por Pereira et al. (2009). Dewey criticou severamente a metodologia tradicional ao pregar a educação pautada na memorização, sem estimular o pensamento crítico do aluno. Assim, é perceptível o contraste entre as duas metodologias, uma embasada apenas na reprodução do conhecimento ofertado e a outra na absorção, análise e produção de novos pensamentos por parte do estudante. Assim, “a filosofia deweyana remete a uma prática docente baseada na liberdade do aluno para elaborar as próprias certezas, os próprios conhecimentos, as próprias regras morais.” (PEREIRA et al. 2009, p.155).

O aluno se torna um ator ativo em sala de aula, tornando-se plenamente responsável pela qualidade e desenvolvimento da sua educação. Não cabe mais ao professor a responsabilidade pela formação intelectual e crítica do aluno, como já dito, o docente é apenas o interlocutor do conhecimento. Depende do estudante e de sua vontade de aprender, a absorção e o desenvolvimento crítico do conhecimento facilitado pelo professor.

Berbel (2011, p. 29) corrobora as ideias ao pontuar características da fundamentação da metodologia ativa:

O engajamento do aluno em relação a novas aprendizagens, pela compreensão, pela escolha e pelo interesse, é condição essencial para ampliar suas possibilidades de exercitar a liberdade e a autonomia na tomada de decisões em diferentes momentos do processo que vivencia, preparando-se para o exercício profissional futuro.

Desse modo, as práticas da metodologia ativa visam motivar e fortalecer uma ação autônoma do aluno, ou seja, o discente é a fonte própria da ação. Como ressalta Rocha (2008, p.10) “a partir do momento em que se apossam do conhecimento, os alunos se tornam capazes de refletir e tomar suas próprias escolhas.”

Gemignani (2012) também pontua a ação do aluno como ator central na produção de seu conhecimento através da metodologia ativa. A autora apresenta a necessidade de ofertar condições para o “aprender fazendo”, em que a aprendizagem parte da atividade prática do aluno para a teorização. Dessa forma, a aprendizagem ganha um novo significado para o discente.

Outra forma proativa do aluno dentro do processo de aprendizagem é a problematização da sua realidade. “Conforme Berbel (1996) [...] eles observam os problemas em sua realidade e levarão para a mesma uma resposta de seus estudos, com o intuito de aplicar seus conhecimentos na solução dos problemas” (ROCHA; 2008, p.7). Berbel (2011, p.32) ainda corrobora dissertando sobre as afirmações de Sakai e Lima (1996), que o aprendizado pautado na problematização tem como finalidade fazer com que o aluno estude e aprenda o conteúdo, estimulando uma atitude ativa do estudante em busca do conhecimento. Assim, objetiva-se desenvolver um potencial intelectual a fim de compreender e superar os problemas.

Segundo Moran (2015), teóricos da educação como Dewey (1950) e Freire (2009) destacam a importância de superar a educação tradicional e focar na aprendizagem do discente, envolvendo-o para que se torne protagonista da sua própria formação. Tal ideia aponta para o fato de que se necessita claramente de reorganizar os métodos de interação professor aluno. Em concordância, Magalhães et al. (2017) também afirma que diante das grandes transformações ocorridas nos últimos tempos, sobretudo relacionadas aos processos de construção do conhecimento, o uso de estratégias diferenciadas torna-se indispensável.

De acordo com Kubo e Botomé (2005), o meio de ensino-aprendizagem é um sistema de interações comportamentais entre professores e alunos, pois há os recursos comportamentais atribuídos como “ensinar” e “aprender”. A interdependência desses dois conceitos é fundamental para interpretar o que acontece, e seu entendimento e sua percepção constituem em algo essencial para o desenvolvimento dos trabalhos de aprendizagem da educação no ensino superior.

Berbel (2011, p.37) afirma que:

para que as Metodologias Ativas possam causar um efeito na direção da intencionalidade pela qual são definidas ou eleitas, será necessário que os participantes do processo as assimilem, no sentido de compreendê-las, acreditem em seu potencial pedagógico e incluam uma boa dose de disponibilidade intelectual e afetiva (valorização) para trabalharem conforme

a proposta, já que são muitas as condições do próprio professor, dos alunos e do cotidiano escolar que podem dificultar ou mesmo impedir esse intento.

Desse modo, compreende-se que a interação professor/aluno é uma característica fundamental para o desenvolvimento efetivo da metodologia ativa. Como ressaltado, existem muitas condições que permeiam essa relação, fatores que variam desde a comunicação não-verbal do professor até o engajamento do próprio aluno no aprendizado.

Ainda discorrendo sobre a visão apresentada por Berbel (2011 p.37), a autora ressalta que “a interação com seus professores é uma das principais fontes para a melhoria da qualidade motivacional. A empatia com o professor [...] possibilita a valorização das atividades e conteúdos propostos”. Assim, a interação entre professor/aluno deve gozar da boa relação entre as duas partes, facilitando o processo de passagem do conhecimento.

Concluindo a pensamento de Berbel (2011) sobre a interação entre o professor e o aluno, a autora estabelece que a relação entre as partes é resumida ao papel do docente em conduzir o processo da metodologia ativa, estimulando e valorizando as atividades dos alunos, enquanto o aluno busca maximizar, independentemente, seu conhecimento e sua capacidade crítica.

Gemignani (2012) ao analisar o estudo de Freire (2006), aponta que a interação entre os professores e alunos, através das práticas da metodologia ativa, torna-se uma relação mais horizontalizada e democrática. Assim, o processo educacional “adota a pedagogia crítico-reflexiva na construção do conhecimento (FREIRE, 2006 apud GEMIGNANI, 2012 p.9). Essa interação horizontal deve-se a troca de experiências entre ambas as partes, tornando a metodologia de aprendizagem um ciclo, tornando a produção do conhecimento algo coletivo.

3.2 O DESENVOLVIMENTO DA ANDRAGOGIA NO ENSINO SUPERIOR

Nas salas de aulas, os professores não possuem controle sobre os fatores relacionados exclusivamente aos alunos, como aptidões, capacidades e desejos. Contudo, é de sua responsabilidade o conhecimento a respeito da disciplina ministrada bem como os recursos e as habilidades para efetivação do processo de ensino e aprendizagem. Assim, o docente deve buscar um ambiente harmônico e que remeta ao desenvolvimento do indivíduo, estimulando uma participação de

todos que estão dentro do processo.

Visto que no ensino superior cada dia é crescente a diversidade dentro da sala de aula, é de suma importância a preparação dos professores para que se possa garantir o ensino qualitativo em uma abrangência quantitativa, em que se busque que todos tenham a possibilidade de envolverem-se no processo proposto. Ao longo dos anos, as IES vêm acolhendo cada vez mais os alunos adultos, esses são os maiores questionadores do processo de aprendizagem, necessitando de uma adequação das metodologias a serem utilizadas, tais quais: o nivelamento do conhecimento e o contínuo questionamento para quê aprender e onde aplicar o conhecimento adquirido em sala de aula.

Como relata Nogueira (2004, p.3), “ao longo das décadas seguintes a I Guerra Mundial, surgiram várias obras, cujo conteúdo versava, especificamente, a educação de adultos.” Assim, deu-se início a busca de uma metodologia apropriada ao novo público-alvo, desenvolvendo a andragogia. Esse novo método de ensino é embasado na definição, que segundo Bellan (2005) pode ser compreendida como “a ciência que estuda como os adultos aprendem”. (BELLAN, 2015 apud CARVALHO et. al. 2010, p. 81).

Malcolm Knowles (1970) ao concretizar a andragogia como a ciência de orientar os alunos ao aprendizado, diferencia tal metodologia da pedagogia ao considerar a vivência do aluno na produção de conhecimento. Segundo Martins (2013, p.145), os alunos “são motivados a aprender conforme vivenciam necessidades e interesses que a aprendizagem satisfará em sua vida.” Desse modo, para Knowles (1970), a andragogia é um processo mais amplo e flexível do que a pedagogia, contendo em si tal modelo educacional.

Pode-se estabelecer uma relação entre a andragogia e a metodologia de ensino ativa, uma vez que DeAquino (2007 apud CARVALHO et al.; 2010), expõe que a andragogia pode ser entendida como uma alternativa ao modelo convencional da pedagogia, colocando o educando no centro da aprendizagem. Desse modo, conclui-se que esse novo modelo de ensino, voltado para a educação de jovens e adultos, busca dar autonomia ao estudante, tornando-o o centro de seu processo de aprendizagem, agregando as experiências de seu cotidiano na consolidação de conhecimentos. Como assinala Carvalho et al (2010, p.82), “no modelo andragógico, a aprendizagem é de responsabilidade compartilhada entre professor e aluno. A andragogia fundamenta-se no “aprender fazendo”

Entretanto, não se pode afirmar uma relação de oposição entre a pedagogia e andragogia, mas sim uma relação de continuidade entre ambas. Como destaca Carvalho et al. (2010, p.86):

A transição da pedagogia para a andragogia deve ser feita durante os estudos universitários, tendo em vista que a maioria dos graduandos inicia os estudos como adolescente e termina como adulto. Enfatizar a aplicação dos princípios andragógicos nas universidades é de fundamental importância, a fim de atingir maior eficiência educacional.

Assim, através da ideia transmitida pelos autores, podemos compreender que o indivíduo inicia seus estudos através das metodologias empregadas pela pedagogia, nas quais o professor é o principal agente da educação, exercendo maior influência no processo de aprendizagem. Entretanto, ao ingressar na vida universitária, o estudante perpassa um processo de mudança de aprendizado, no qual passa a protagonizar seu processo educacional, entrando no modelo andragógico.

Segundo Gil (2007, p. 12), a Andragogia baseia-se nos seguintes princípios:

1. **Conceito de aprendente.** Este conceito é adotado como alternativa ao de "aluno" ou "formando". O aprendente, ou aquele que aprende, é autodirigido, o que significa que é responsável pela sua aprendizagem e estabelece e delimita o seu percurso educacional.
2. **Necessidade do conhecimento.** Os adultos sabem melhor que as crianças da necessidade do conhecimento. Eles se sentem muito mais responsáveis pela sua aprendizagem e pela delimitação do seu percurso educacional.
3. **Motivação para aprender.** O modelo andragógico leva em conta as motivações externas, como melhor trabalho e aumento salarial, mas valoriza, particularmente, as motivações internas, relacionadas com a sua própria vontade de crescimento, como autoestima, reconhecimento, autoconfiança e atualização das potencialidades pessoais.
4. **O papel da experiência.** Os adultos entram num processo educativo com experiências bastante diversas e é a partir delas que eles se dispõem a participar ou não de algum programa educacional. Por isso essas experiências devem ser aceitas como fonte de recursos a serem valorizados e partilhados e servir de base para a formação. Os conhecimentos do professor e os recursos instrucionais, como os livros e as projeções, são fontes que por si só não garantem o interesse pela aprendizagem. Devem ser vistos como opções que são colocadas à disposição para a livre escolha do aprendiz.
5. **Prontidão para o aprendizado.** O adulto tem uma orientação mais pragmática do que a criança. O adulto está pronto para aprender o que decide aprender. Ele se torna disponível para aprender quando pretende melhorar seu desempenho em relação a determinado aspecto de sua vida. Sua relação de aprendizagem é natural e realista; por isso ele se nega a aprender o que os outros lhe impõem. Além disso, sua retenção tende a decrescer quando percebe que o conhecimento não

pode ser aplicado imediatamente. Assim, convém organizar as experiências de aprendizagem de acordo com as unidades temáticas que tenham sentido e sejam adequadas as tarefas que os alunos são solicitados a realizar nos seus diversos contextos de vida (grifo nosso).

A partir do entendimento dos princípios da andragogia expostos acima, pode-se entender que a metodologia ativa se adequa às necessidades do aluno na fase adulta, quando ele entende que se torna protagonista do processo de aprendizagem e o professor é o mediador do ensino. O estudante participa do planejamento de aula, utilizando suas experiências como base para o aprendizado dos conteúdos que despertam interesses. Cabe ao mediador fornecer e promover um diálogo que construa conhecimento e informações para que o aluno possa construir uma base sólida de sua aprendizagem, despertando cada vez mais uma abordagem ampla e clara no seu protagonismo.

O conceito de aprendente se relaciona diretamente com a definição de metodologia ativa já apresentada. Compreende-se que tanto essa metodologia quanto o conceito apresentado definem que o agente responsável pela educação é o estudante, sendo ele um agente proativo. Essa relação também pode ser estabelecida entre o princípio da necessidade do conhecimento, uma vez que o ao se sentirem responsáveis pelo seu próprio conhecimento, os adultos tendem a se tornar protagonista do processo.

Através dos princípios apresentados por Gil (2007), é possível estabelecer uma relação de continuidade entre elas. Quando o aluno é influenciado, seja por motivações externas ou internas, a buscar uma formação educacional, surge a necessidade de aprofundar o conhecimento. Desse modo, proativamente o indivíduo se coloca no papel central do processo de aprendizagem, demonstrando interesse nos estudos, assim, o estudante se abre para novos conhecimentos, melhorando seu desempenho, pois demonstra iniciativa em aprender. Essa proatividade do estudante adulto deriva-se de uma das características desse perfil de alunos, como apresenta Quintas et al. (2014), esses estudantes apresentam um nível de escolarização médio. Pode-se sugerir que a motivação é a característica inicial de todo esse processo.

Ao analisar-se o princípio da experiência, poderá relacioná-lo ao Arco de Maguerez. Vale lembrar que o Arco apresenta cinco fases do desenvolvimento do conhecimento por parte ativa do aluno, em que esse observa a realidade, analisa-a,

expõe-a, elabora teorias e apresenta hipóteses para a problematização. A experiência dos alunos fora de sala de aula, derivada de seu cotidiano, é a fonte mais eficaz para a prática do Arco de Magueréz.

Como foi anteriormente ressaltado por Rocha (2008), o arco utiliza da realidade como fonte para a metodologia ativa pautada na problematização, assim, as experiências advindas dos alunos se adequam melhor ao processo metodológico de Magueréz, do que exclusivamente as teorias apresentadas nos livros. Essa relação pode ser comprovada no estudo realizado por Castanho (1989) e apresentado por Smariotto (2011, p.99), em que “os alunos dos cursos noturnos consideram como condições favoráveis ao ensino a sua maturidade, responsabilidade, interesse e determinação”.

Smariotto (2011) alega em seu estudo que os alunos adultos apresentam um perfil em comum, pois esse grupo de estudantes prefere metodologias ativas de ensino. Assim, o ensino se torna mais efetivo quando se utiliza métodos didáticos provenientes da metodologia ativa, como debates, projetos em grupo, seminário e outras formas didáticas em que o aluno é o protagonista.

Outros traços comuns ao perfil do aluno adulto apontados por Knapper e Cropley (1991, 2000) e Ferreira (2011, p.205), são a vontade de aprender, a utilização de experiências pessoais como forma de aperfeiçoar o ensino, objetivos claros e definidos em relação ao aprendizado, todavia - podem apresentar dificuldade no desenvolvimento da aprendizagem. Isso ocorre porque esses estudantes apresentam traços em comum fora da sala de aula, como obrigações com a família, com o trabalho, a necessidade de adaptação à rotina, conciliação com obrigações sociais e disponibilidade de horário para os estudos apenas no período noturno.

Ao traçar o perfil do aluno adulto e compará-lo com o processo andragógico e a metodologia ativa, fica evidente a relação entre esses elementos. Contudo, será que o aluno é capaz de perceber a importância de seu protagonismo no desenvolvimento de seu ensino? Segundo Luck, (2003) estabelecer vínculos entre as disciplinas contribuiu para que o aluno tenha uma melhor compreensão da realidade, proporcionando uma visão de como e onde será aplicado o que está aprendendo. Quando envolvido no processo, para esse autor, o aluno busca estabelecer sentido para as questões, tendenciado a armazenar o que está sendo aprendido com suas experiências.

Perante o que já foi exposto até aqui, pode-se concluir que não é possível compreender a andragogia sem entender a metodologia de ensino ativa. Ambos os princípios apresentam-se como característica principal o aluno como centro de seu próprio ensino. Entretanto, é fundamental que o aluno perceba o seu papel dentro da andragogia e da metodologia ativa. Segundo Carvalho et al. (2010, p.86), “os alunos adultos são conscientes de suas habilidades e experiências, e exigem mais envolvimento no processo de aprendizagem”.

Ao trazerem sua própria realidade para a o aprendizado, os alunos tendem a compreender melhor o ensino e se sentem parte do processo educacional. Como ressalta Nogueira (2004), ao considerarem suas experiências do cotidiano, em destaque os que se relacionam com os problemas, os alunos se engajam mais no processo de aprendizagem. Nesse sentido, “Tough (1979) havia verificado que quando os adultos decidem aprender um assunto investem mais energia e tempo na realização dessa aprendizagem” (NOGUEIRA, 2004, p.5). Assim, os estudantes adultos tendem a assimilar o conhecimento desenvolvido com as vantagens no cotidiano, colocando-se no processo central de aprendizagem.

Dessa forma, com o estabelecimento de um vínculo entre o professor e o aluno, “o andragogo procura que os aprendentes se responsabilizem, progressivamente, pelas suas próprias aprendizagens.” (NOGUEIRA 2004, p.4). Tomando como fonte as bagagens compartilhadas, não sendo somente um que ensina e/ou aprende, mas ambos, que trocam informações válidas no processo de aprendizagem, com isso - a relação entre docente e aluno adulto se torna muito mais fluida.

De tal modo, o papel do professor é transformador, no processo andragógico, diversos autores chamam-no de facilitador do aprendizado. Segundo Nogueira (2004), é fundamental que a relação entre andragogo e discente seja baseada na confiança, colaboração, diálogo e respeito. A autora ainda salienta que o docente deve ser o responsável por desenvolver essa relação com o aluno, cabendo a ele o papel de desenvolver uma imagem positiva do aprendizado, orientando o aluno através de uma abordagem mais ativa.

Assim como foi ressaltado na metodologia ativa, na andragogia a relação entre as partes é caracterizada por um vínculo mais horizontal e democrático. Desse modo, é possível ambos aproveitarem a troca de experiências fomentando o ciclo de aprendizagem. Como esclarece Carvalho et al. (2010, p.82), é “um método de

ensino, que se reflete em um somatório de trocas de conhecimentos entre o facilitador do conhecimento e o estudante adulto e suas experiências de vida”.

Resgatando um dos princípios da andragogia expostos por Gil (2007) – motivação para aprender – Berbel (2011 p.37) afirma que uma boa relação entre o professor e o aluno impacta positivamente na qualidade motivacional do estudante. Assim, o facilitador é responsável, através de um bom desenvolvimento da relação, pelo desenvolvimento do aprendizado proativo do estudante. Como discorre Finger (2003, apud CARVALHO et al. 2010 p.86) sobre aprendizagem na andragogia “destaca que está diretamente relacionada com o conceito de crescimento, chamada aprendizagem autodirigida.”

Como ressaltado anteriormente, a metodologia ativa e a andragogia caminham juntas no processo de aprendizado do aluno adulto. Deve-se ressaltar que, assim como a proatividade do educando, a boa interação entre professor/aluno é característica importante de ambos processos. A boa interação entre docente e discente facilita a troca de conhecimentos entre as partes, assim, o papel de condutor do processo da metodologia ativa – por parte do docente – e o protagonismo no ensino – pelo discente – são efetivados através de uma boa interação. Como ressalta Nogueira (2004 p.14):

Destas duas premissas Knowles (1980, 1991) retira o argumento de que na educação de adultos o facilitador não pode ser um mero transmissor de conhecimentos, pois é sua a responsabilidade de adequar as aprendizagens aos alunos, assim como de contribuir para o desenvolvimento da autodireção das aprendizagens.

Outra autora que destaca a relação entre o professor e o aluno dentro da andragogia é Martins (2013). Ela salienta que nesse modelo educacional, o professor deve guiar o aluno a protagonizar um modelo de aprendizagem com mais liberdade e ao mesmo tempo com responsabilidade. “Isso porque, assim, ele será capaz de interpretar as situações em que vive baseado em sua própria experiência de vida” (MARTINS 2013, p.146).

A partir dessa relação mais fluida entre ambos, tanto o professor quanto o aluno sentem-se abertos para negociar, argumentar, discutir e propor melhores métodos de aprendizagem ativa. Como ressalta Carvalho et al. (2010 p.81), “o professor deve aprender que os adultos precisam que ele lhes ajude a compreender a importância prática do assunto a ser estudado, experimentar a sensação de que cada conhecimento fará diferença”.

3.3 A METODOLOGIA ATIVA E O CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

A administração é a ciência que estuda e sistematiza as práticas usadas para administrar, é uma área de conhecimento fundamentada em um conjunto de princípios, normas e funções elaboradas para disciplinar os fatores de produção, tem em vista o alcance de determinados fins como maximização de lucros ou adequada prestação de serviços.

Henri Fayol (1916) foi o primeiro a definir as funções básicas do administrador tais quais: planejar, organizar, coordenar, comandar e controlar. O administrador em si, é dedicado a cuidar de todos os processos envolvendo todos os departamentos da empresa, além de coordenar, ele busca sempre organizar as demandas, controlar os processos e visar à evolução da empresa. O administrador tem por obrigação, liderar e desenvolver as atividades humanas e socioculturais da empresa, tendo como metodologia a busca contínua de inovar e minimizar os erros decorrentes dentro dos processos construídos.

No Brasil, as primeiras instituições a receberem o curso de Administração de Negócios foram as localizadas em São Paulo, como a Universidade de São Paulo, com os cursos de Economia, Administração e Contabilidade – FEA/USP, em 1984 e a Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Getúlio Vargas – EBAPE/FGV, no Rio de Janeiro em 1952 e em São Paulo em 1954 (CFA, 2005).

Com o passar dos anos, o curso de administração teve significativos marcos regulatórios no Brasil. O primeiro deles é a Lei nº 4.769, de 9 de setembro de 1965, tal lei regulamentava a profissão de administrador, acrescentando a atividades de profissões o Técnico de Administração (LEI Nº 4.769 DE 9 DE SETEMBRO DE 1965, art.1º). Outro fato trazido na lei é a exigência de diploma na área de administração no setor público. Por último, a lei também cria, em seu artigo nº 6, os Conselhos Federais de Técnicos de Administração (CFTA) e os Conselhos Regionais de Técnicos em Administração (CRTA).

Em 1966, o CFA emite o parecer nº 307. Tal documento determina o conteúdo mínimo para a formação do técnico em administração, o que posteriormente vem a se chamar administrador. O currículo do administrador vem a ser alterado somente em 1993, a partir das resoluções nº 2 e nº 4. Tal mudança visava estabelecer um currículo mais completo, levando em consideração a abrangência do curso e permitindo as IES criar suas habilitações específicas (CONSELHO REGIONAL DE

ADMINISTRAÇÃO DA BAHIA).

Em 2004, foram instituídas as Diretrizes Curriculares Nacionais, dentre elas a para o curso de graduação em administração através da Resolução nº1 de fevereiro. Entretanto, tal Resolução foi revogada, juntamente com a Resolução nº 2/1993, sendo ambas substituídas pela Resolução nº 4 de 13 de julho de 2005. Essa última resolução definiu as novas diretrizes curriculares da formação em administração. Segundo o art. 4º dessa resolução, os profissionais formados em administração devem desenvolver as seguintes habilidades:

I - **reconhecer e definir problemas, equacionar soluções, pensar estrategicamente**, introduzir modificações no processo produtivo, atuar preventivamente, transferir e generalizar conhecimentos e exercer, em diferentes graus de complexidade, o processo da tomada de decisão;

[...]

V - **ter iniciativa, criatividade, determinação**, vontade política e administrativa, **vontade de aprender**, abertura às mudanças e consciência da qualidade e das implicações éticas do seu exercício profissional;

VI - **desenvolver capacidade de transferir conhecimentos da vida e da experiência cotidianas para o ambiente de trabalho** e do seu campo de atuação profissional, em diferentes modelos organizacionais, revelando-se profissional adaptável; (BRASIL 2005, p.1 grifo nosso)

Ao comparar tais incisos expostos acima com os princípios da andragogia e com o arco de Maguerz, vemos algumas semelhanças. Ao caracterizar que o profissional de administração deve saber reconhecer, definir, equacionar e solucionar problemas, assim segue-se o mesmo raciocínio do arco de Maguerz. Portanto, tal metodologia ativa é a mais qualificada para desenvolver tal habilidade do aluno.

Quanto aos incisos V e VI, vemos os princípios da andragogia abordados por Gil (2007). Quando discorrido que o aluno deve ter iniciativa, determinação e vontade de aprender vemos que essas características também são abordadas no princípio da prontidão para o aprendizado. No inciso V, ao dissertar que o profissional deve ser capaz de transferir seus conhecimentos da vida e da experiência cotidiana para o ambiente de trabalho, vemos uma relação direta com o papel da experiência abordado nos princípios da andragogia.

Contudo, ao analisar a Resolução nº 4/2005, percebe-se que não é estabelecido um método de ensino ativo. No documento é destacada a importância das teorias e dos estudos quantitativos, estudos filosóficos, sociológicos, dentre outros. Em nenhum momento é possível analisar que o curso terá uma abordagem mais dinâmica e ativa.

O mercado de trabalho vem cada dia mais passando por diversas transformações e exigindo dos seus profissionais dedicação e experiência na área de atuação. De tal modo, cursos devem ser dinâmicos e capazes de proporcionar metodologias que engajam esses futuros profissionais a estarem capacitados para atuação imediata, contribuindo sempre com as novas necessidades que surgem no cotidiano.

Já existem estudos de campos que abordam a prática da metodologia ativa dentro de diversos cursos superiores. Os cursos da área de saúde, como medicina, enfermagem e outros, apresentam a utilização do método de aprendizagem baseado em problemas (URAIZ; AZEVEDO, 2016). Ao analisar dentro da administração, direito e outros cursos mais teóricos, vemos que esse procedimento vem sendo abordado cada vez mais. Como destacam Filho e Arantes (2015, p.8) ao analisarem os escritos de Maio (2014):

o modelo centrado no professor mostra-se inadequado ao ensino de Administração, quando se entende que um dos principais objetivos da educação nessa área de conhecimento não está só na troca de informações, mas principalmente na formação de indivíduos capazes de pensar de maneira independente e criativa a realidade dos negócios.

Assim, como exposto - ao se estudar a metodologia ativa, verifica-se que existem diversas possibilidades de se trabalhar um estudo mais ativo com os alunos de administração. Aqui serão apresentados três estudos de campo que analisaram a aplicação de métodos ativos de aprendizagem. Tais estudos foram utilizados para analisar os dados coletados através do questionário aplicado ao oitavo período do curso de Administração na instituição de ensino privado na cidade de Anápolis – GO.

O estudo feito por Normanha Filho e Arantes (2015) analisou a aplicação do aprendizado baseado em projeto, uma vertente da metodologia ativa. Segundo os autores, tal artifício “ocasiona o desenvolvimento da autonomia, da criatividade, conduz as relações [...] preparo para enfrentar desafios e, principalmente, na resolução de problemas que se apresentam.” (NORMANHA FILHO; ARANTES, 2015, p.6). Para compreender a metodologia ativa no curso de administração, foi acompanhado durante um semestre o “Projeto Integrador II”.

Esse projeto demandava que os estudantes elaborassem um diagnóstico organizacional para uma organização do terceiro setor. O objetivo, segundo a professora orientadora, era a “identificação de deficiências e, propor soluções empreendedoras tendo por base a integração dos conhecimentos acadêmicos e a

articulação das competências desenvolvidas no primeiro ano do curso” (NORMANHA FILHO; ARANTES, 2015 p.10).

Assim, ao longo do semestre, os alunos realizaram na prática as teorias expostas em sala de aula, realizaram pesquisas nas organizações, elaboraram relatórios pontuando as experiências obtidas ao longo do semestre. A professora foi utilizada como recurso para sanar dúvidas, esclarecer prazos, orientar nas pesquisas, o que demonstra a “conscientização de que orientar não é fazer o projeto para os alunos” (NORMANHA FILHO; ARANTES, 2015 p.12).

Ao final dos estudos, foi concluído que a prática da metodologia ativa no curso de administração foi positiva. A aprendizagem baseada em projeto contribuiu para a formação e desenvolvimento das características de um administrador, além de tornar o aluno o protagonista de seu próprio processo de ensino. Como destacaram “a formação do futuro administrador deve, obrigatoriamente, contemplar a dimensão ser e, a prática do Projeto Integrador II, proporciona, ao menos, parte de tal alcance” (NORMANHA FILHO; ARANTES, 2015, p.16).

Uraiz e Azevedo (2016) apresentaram o estudo pautado na metodologia de aprendizado baseado em problemas. Esses autores analisaram a aplicação desse método no curso de Administração de Empresas. Segundo eles, a utilização do aprendizado ativo relacionado com o contexto profissional dos estudantes possibilitou o desenvolvimento de suas habilidades como futuros administradores. Como dissertam:

Constatou-se o trabalho em grupo e o estímulo ao desenvolvimento do pensamento crítico como especificidades das metodologias ativas presentes na atividade de ensino aplicada na disciplina Administração Financeira que despertaram o interesse dos educandos, motivando-os para a realização de pesquisas, discussões, debates e compartilhamento de informações (UARIZ; AZEVEDO, 2016 p.58).

Assim como no trabalho de Normanha Filho e Arantes (2015), a metodologia ativa foi apreciada pelos alunos como forma de aprendizado. A proposta pedagógica feita em ambas as pesquisas mostrou-se efetiva no ensino aos alunos de administração, ao colocarem os alunos no centro do processo de aquisição do conhecimento, estimulando a autonomia no processo de ensino, como mesmo ressaltou Uariz e Azevedo (2016, p.62), ao asseverar que essa metodologia é “pertinente para o desenvolvimento da autonomia dos aprendizes do curso de Administração de Empresas”.

Um dos últimos pontos abordado pelos autores é o papel do professor e sua

relação com o aluno. Como apresentado pela metodologia ativa, a relação entre ambos é marcada por uma horizontalização, ocorrendo uma troca de conhecimento e aprendizado. Uariz e Azevedo (2016, p. 63) destacam que “no processo de ensino e no desenvolvimento da aprendizagem, mudam as funções do professor e, também, do aluno, pois ambos são colocados no lugar de aprendizes”.

O último trabalho analisado foi o estudo de Souza e Verdinelli (2014). Essa análise também é fundamentada no método de aprendizado baseado em problemas (PBL). O objetivo dos dados coletados foi analisar se os alunos consideravam a metodologia ativa um facilitador ou não para o seu aprendizado. Segundo os dados estatísticos, “grande parte dos alunos [...] apresentou um perfil ativo para o aprendizado, sendo que 25% de todos os pesquisados consideraram o PBL muito facilitador no processo de aprendizagem e 52% o consideraram de forma moderada” (SOUZA; VERDINELLI, 2014 p.32). No total, 77% dos entrevistados consideraram o método utilizado como apropriado para o aprendizado.

Um ponto relevante destacado pelos autores, se diz respeito aos professores. Segundo eles, foi constatado que “nenhum dos professores das turmas em que a PBL foi aplicada conhecia a metodologia e trabalhavam somente de forma tradicional em suas aulas” (SOUZA; VERDINELLI, 2014 p.45). Isso suscita uma questão que será abordada mais à frente, como é a qualificação dos professores quanto a sua didática é efetiva?

Ao realizar a pesquisa de campo na instituição de ensino privada em Anápolis – GO, foi concluído os seguintes dados: ao total foram 19 alunos do curso de administração entrevistados. No questionário foi apresentado o conceito de metodologia ativa abordado por Berbel (2007). Ao serem questionados sobre trabalharem ou não, 95% dos questionados disseram que sim, o fato de trabalharem e estudarem constitui em uma das principais características dos alunos adultos, abordados pela andragogia.

Ao serem questionados sobre o seu nível de participação nas aulas ministradas, 52% responderam que é bom e 48% muito bom. Desses dados, podemos concluir que os alunos acreditam que têm um papel proativo dentro da sala de aula, entendendo que a participação em sala de aula pode ser interpretada tanto como meras exposições de comentários, respostas a questionamentos do professor, até participação em seminários e grupos de debates.

Ao serem questionados se as aulas lhe permitem uma participação no

processo de ensino, 52% responderam que é bom, 42% muito bom e 6% que é regular. A partir dos dados expostos, podemos concluir que de fato os alunos possuem autonomia para participarem ou não das aulas ministradas, uma vez que concordam que o professor permite uma aula participativa. A questão aqui levantada é, como ocorre este processo de participação? São apenas exposições de falas e troca de informações, ou existe um processo de desenvolvimento do ensino centrado no aluno?

Quando indagados sobre a relação professor/aluno, foi registrado que 6% acreditam ser regular, 42% bom e 52% caracterizam como muito boa. Assim, os alunos consideram que a relação com o professor gera sentimento de empatia, como foi exposto na visão de Berbel (2011). Essa relação positiva entre docente e discente permite uma melhora motivacional e a melhora dos conteúdos propostos. De tal modo, relacionando-a com a andragogia, pode-se concluir que o caminho facilitador para a aplicação da metodologia ativa existe.

Em relação à frequência de aulas dinâmicas, abordadas pelos professores em que o aluno seja o protagonista do processo de ensino/ aprendizagem, 73% dos questionados responderam que às vezes ocorre, enquanto os 27% restantes responderam que sempre. Esse dado se mostra interessante por permitir algumas análises. Ao rever os dados anteriores, percebe-se que os alunos se consideram participativos em sala de aula. Também foi constatado que o caminho para a utilização de uma didática mais dinâmica também existe, pois, a relação professor/aluno é positiva. Entretanto, ao ponderar os novos dados apresentados, percebe-se que não existe uma efetivação da metodologia ativa.

Assim, pode-se concluir que as aulas ministradas em tal instituição são, em sua maioria, no modelo tradicional de ensino. Existe, de maneira subentendida, na sala de aula uma relação de hierarquia entre o professor e o aluno, em que as aulas ministradas pouco exploram a capacidade do aluno ser protagonista de seu próprio ensino.

Ao serem questionados se na sala de aula, o professor permite um processo de escuta e diálogo que possibilita uma construção de caminhos, propondo assuntos atuais e práticos, 53% responderam que às vezes, 47% afirmaram que sempre. A maioria reforça a ideia exposta anteriormente, que as aulas são executadas em um modelo tradicional de ensino.

Ao realizar a diferença entre os 73% alunos que afirmaram que as aulas não

são dinâmicas, com os 47% que afirmam que o professor sempre propõe caminhos práticos e atuais em sala de aula, tem-se uma diferença de 26%. Ou seja, para estes alunos as aulas não são dinâmicas, entretanto o professor possibilita caminhos atuais e práticos para o aprendizado. Aqui cabe o seguinte questionamento, esses 26% em sala de aula entendem o que é a metodologia de aprendizado ativa?

A última questão objetiva refere-se à avaliação do processo de ensino/aprendizagem na instituição, em que 6% responderam que é regular, 31% bom e 63% muito bom. Ao comparar essa informação com os dados já apresentados, pode-se fazer as seguintes observações: mesmo as aulas não sendo dinâmicas e não possibilitando caminhos práticos e atuais, a maioria dos alunos considera o processo de ensino muito bom. Assim, com esse fato, cabe o seguinte questionamento, os alunos conseguem entender e identificar a metodologia ativa dentro da sala de aula?

Outra observação que pode ser feita é que, a partir dos dados mostrados, subentende-se que os alunos ou preferem, ou se identificam melhor com o método tradicional de ensino. Uma vez que a maioria afirma ser muito bom o processo na instituição, ao mesmo tempo que afirmam que o professor não apresenta, de maneira constante, uma metodologia dinâmica em sala de aula.

Sobre essa última observação, pode-se apresentar os seguintes questionamentos: a constatação de os alunos preferirem estudar com o método tradicional de ensino poderia ser pelo fato de já estarem acostumados ou se identificarem melhor com essa metodologia? Uma vez que a metodologia ativa exige mais esforço, trabalho e dedicação do aluno, logo, ao optarem pelo método oposto - os alunos estariam preferindo uma metodologia "menos trabalhosa".

Outra observação que pode ser feita é que, possivelmente, esses alunos poderiam estar desenvolvendo suas capacidades e habilidades profissionais de maneira mais efetiva, caso utilizassem a metodologia ativa. Como foi apresentado pelos estudos de Filho e Arantes (2015), Uraiz e Azevedo (2016) e Souza e Verdinelli (2014), os alunos aprendem e se qualificam mais a partir do ensino ativo, sendo os protagonistas de seus estudos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi apresentado no início do estudo aqui exposto, a metodologia ativa

visa se contrapor ao ensino tradicional nas Instituições de Ensino Superior. Tal método de ensino busca colocar o aluno no centro de seu ensino, em que o professor deixa de ser o ator principal e o aluno passa a protagonizar seus estudos, de maneira independente. A relação de hierarquia entre o professor e o aluno desaparece e dá lugar a uma relação mais horizontalizada e democrática entre docente e discente. Assim, o professor se torna o caminho, ou uma espécie de “ponte” entre o aluno e o conhecimento.

A relação entre o professor e o aluno também é fator marcante para o desenvolvimento da metodologia ativa. Como reforça Berbel (2011), a empatia entre o docente e o estudante é fundamental para motivar o aluno em seus estudos. A partir dos estudos, pode-se analisar que tal relação é o primeiro caminho para a aplicação de métodos ativos de conhecimento, pois uma boa relação entre as partes permite uma troca constante fluida de conhecimentos, uma vez que nessa metodologia - o ensino é um constante ciclo entre o professor e o aluno.

A importância dessa boa relação também foi destacada na andragogia, definida como a ciência que objetiva ensinar adultos. Assim, como na metodologia ativa, na andragogia a relação entre professor e aluno é estabelecida de forma horizontal, na qual ambas as partes são vistas como aprendizes. Através dos estudos e das leituras feitas, é possível afirmar que a metodologia ativa está inserida na andragogia, uma vez que existe uma relação direta entre os princípios da andragogia expostos por Gil (2007) e as características do método ativo de ensino.

Ao analisar os dois conceitos, pode-se traçar um paralelo de características em comum entre eles. Ambos utilizam das experiências e da realidade do aluno para aperfeiçoar seu ensino, ambos, também, apresentam uma flexibilização da aprendizagem, ao mesmo tempo em que exigem uma maior responsabilidade do aluno. O professor se torna um facilitador no processo de aprendizagem, do qual os alunos se tornam mais independentes em seu processo de formação.

Outro fator analisado e que influencia tanto a andragogia quanto a utilização métodos de ensino ativos é o perfil do aluno. Tanto na andragogia quanto na metodologia ativa existem características comuns do aluno. Esse deve ser um estudante proativo, protagonista, que apresente vontade de aprender, seja capaz de analisar a realidade e aplicar conhecimentos adquiridos para a solução de problemas reais.

Ao analisar os estudos sobre metodologia ativa dentro do curso de

administração, pode ser afirmado tanto por Filho e Arantes (2015), Uraiz e Azevedo (2016) e Souza e Verdinelli (2014) que a metodologia ativa ainda é pouco empregada no curso superior. Os estudos de caso apresentados pelos autores comprovaram, em todos eles, que a metodologia é válida para o desenvolvimento das habilidades de um profissional de administração ao logo de seu ensino.

Em todos os três casos estudados, os alunos caracterizaram de forma positiva o método de ensino, sendo possível desenvolverem melhor seus estudos. Segundo os estudos de Filho e Arantes (2015), a metodologia ativa permitiu que os alunos fossem autônomos, criativos e capazes de solucionar problemas. Já os estudos de Uariz e Azevedo (2016), demonstraram que o trabalho estimulou o pensamento crítico, desenvolveu o interesse dos alunos, fomentando debates e discussões, além de troca de informações.

O último estudo analisado foi o de Souza e Vendinelli (2014). Eles apresentaram dados estatísticos comprovando que os alunos aprenderam melhor e preferem a metodologia de ensino ativa. Segundo os autores, 77% dos questionados consideraram o método muito facilitador ou moderadamente facilitador no processo de aprendizagem no curso de administração.

Contudo, ao analisar os dados obtidos pelo estudo de campo realizado na instituição de ensino privado, em Anápolis – GO, com a turma de administração, os dados mostraram um contexto divergente. Primeiramente o perfil dos alunos dos alunos analisados aponta que a pesquisa foi feita com estudantes adultos, o que implica o uso da andragogia em sala de aula. Ao serem questionados se existe o caminho para a participação em sala de aula e se os alunos são participativos, a maioria afirma que sim, são participativos ou muito participativos. Contudo, a participação dos alunos pode ser tanto no método tradicional de ensino quanto no método ativo.

Quando questionados sobre a relação professor/aluno em sala de aula, 94% dos alunos afirmaram que a relação é boa ou muito boa. Assim, pode-se afirmar que existe o caminho para a execução da metodologia ativa, uma vez que existe uma relação amistosa entre docente e discente, permitindo a troca mútua de conhecimentos e aprendizados. Contudo, quando questionados sobre a dinâmica na aula, a maioria afirmou que não é frequente tal metodologia. Assim, conclui-se que para dos estudantes, o ensino é desenvolvido de forma tradicional, tendo o professor como ator central do ensino.

Novamente, a maioria afirma que nem sempre o docente é capaz de proporcionar caminhos que possibilitem a prática e assuntos atuais para serem trabalhados em sala de aula. Isso reafirma que para os alunos é utilizada a metodologia tradicional no ensino. Contudo, existe uma parcela de 26% dos alunos que mesmo afirmando que não existem aulas dinâmicas, o professor ainda é capaz de proporcionar o desenvolvimento de assuntos práticos e atuais. Como foi apresentado, aqui fica o questionamento se os alunos compreendem o que é a metodologia ativa. Tal resposta não pode ser analisada devido a ausência de respostas à questão discursiva.

Outro dado interessante que ressalta o questionamento apresentado acima é o fato de os alunos, em sua maioria, caracterizarem o processo de ensino-aprendizagem na instituição como muito bom. Desse dado podemos concluir que os alunos se identificam com o modelo tradicional de ensino. O questionamento realizado é se essa identificação ocorre por que os alunos não compreendem a metodologia ativa ou não se enquadram no perfil de estudante estipulado por esse método de aprendizagem.

Ao apresentar a metodologia ativa, andragogia e relacioná-las com o curso de administração, o presente artigo objetivou pontuar a importância da mudança no modelo de ensino para a efetivação dos estudos no curso superior. Como foi comprovado pelos estudos de campo apresentados, o modelo de ensino é eficaz e positivo para o desenvolvimento das habilidades dos alunos de administração. Os métodos baseado em elaboração projeto, estudos de problema, seminários e outros, são eficientes meios de desenvolver o pensamento crítico, a independência, proatividade e responsabilidade do aluno.

REFERÊNCIAS

ABEYSEKERA, A.; DAWSON, P. **Motivation and cognitive load in the flipped classroom: definition, rationale and a call for research.** Higher Education Research & Development, v.34, n. 1, p. 1-14, 2015.

AMORIM, G. K; PRTESTES, M. E. T. Educação de adultos e ensino superior: dificuldades e facilidades nos processos de aprendizagem. In. Congresso Nacional de Educação. **Anais...** 2014. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/Modalidade_1datahora_11_08_2014_14_30_52_idinscrito_2594_69a52b778a81ff65f1dccb2ad538446a.pdf. Acesso em: 18 fev. 2019.

BERBEL, N. A. N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/10326/10999> Acesso em: 13 fev. 2019.

BRASIL. Lei nº 4.769, de 9 de setembro de 1965. Dispõe Sobre o Exercício da Profissão de Técnico de Administração, e dá Outras Providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF 13 de setembro de 1965. P.4769. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l4769.htm Acesso em: 12 fev. 2019.

BROWNELL, S. E.; TANNER, K. D. **Barriers to faculty pedagogical change: lack of training, time, incentives, and tensions with professional identity?** CBE-Life Sciences Education, v. 11, n. 4, 339-346, 2012.

CARVALHO, J. A; CARVALHO, M. P; BARRETO, M. A. M; ALVES, F. A. Andragogia: considerações sobre a aprendizagem do adulto. **REMPEC - Ensino, Saúde e Ambiente**, v.3 n 1 p. 78-90 Abril 2010. Disponível em: <http://www.saude.pa.gov.br/wp-content/uploads/2017/08/Andragogia-Considera%C3%A7%C3%B5es-Sobre-a-Aprendizagem-do-Adulto.pdf> Acesso em: 18 fev. 2019.

COLOMBO, A.A; BERBEL, N.A.N. A Metodologia da Problematização com o Arco de Magueres e sua relação com os saberes de professores. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 28, n. 2, p. 121-146, jul./dez. 2007.

CUNHA, Maria Isabel; Leite, Denise. Relação Ensino e Pesquisa. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.) Didática: O Ensino e suas Relações. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

DEAQUINO, C. T. E. **Como aprender: andragogia e as habilidades de aprendizagem.** 1ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

DEWEY, J. **Experiência e educação.** 2 ed. v.131. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

FERREIRA, Ana Margarida Pinto. **Estudantes adultos no ensino superior: contextos e desafios** Educação e formação de adultos: políticas, práticas e investigação. presented at the 2011. Coimbra, 2011. Disponível em: <https://digitalis.uc.pt/handle/10316.2/31280> Acesso em: 16 de fev. 2019.

FILHO, M. A. N; ARANTES, S. S. Metodologias ativas no ensino de administração: aplicação da aprendizagem baseada em projeto no desafio de pesquisar organizações do terceiro setor. **Administração de empresas em revista**. Curitiba v.14 n.15 2015. Disponível em: <http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/admrevista/article/view/1248> Acesso em: 15 fev. 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 36. ed, São Paulo: Paz e Terra, 2009.

GEMIGNANI, E.YM.Y. Formação de Professores e Metodologias Ativas de Ensino-Aprendizagem: Ensinar Para a Compreensão. **Revista Fronteira das Educação**, Recife, v. 1, n. 2, 2012. Disponível em: <http://www.fronterasdaeducacao.org/index.php/fronteras/article/view/14> Acesso em: 13 fev. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Didática do ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2015.

GODOI, A. F.; FERREIRA, J. V. Metodologia ativa de aprendizagem para o ensino em administração: relatos da experiência com a aplicação do peer instruction em uma instituição de ensino superior. **Revista Eletrônica de Administração**, v.15, n.2, ed. 29, 2016. 337 – 352 p. Disponível em: <http://periodicos.unifacef.com.br/index.php/rea/article/view/1205/955> Acesso em: 12 fev. 2019.

GUIMARÃES, J. C. F. de. SEVERO, E. A.; SERAFIN, V. F.; CAPITANIO, R. P. R. Formação docente: uso de metodologias ativas como processo inovador de aprendizagem para o ensino superior. **Anais... da XVI Mostra de Iniciação Científica, pós-graduação, pesquisa e extensão do Programa de Pós-Graduação em Administração –UCS**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2017.

HISTÓRICO dos cursos de administração no Brasil. In. Conselho Regional de Administração da Bahia – CRA/BA. Disponível em: <http://www.cra-ba.org.br/Pagina/58/Historico-dos-Cursos-de-Administracao-no-Brasil.aspx> Acesso em: 12 fev. 2019.

KNOWLES, M.S. **A prática moderna da educação de adultos: Andragogia versus Pedagogia**. New York: Association Press, 1970.

KUBO, O. M.; BOTOMÉ. S. P. Ensino-aprendizagem: uma interação entre dois processos comportamentais. **Interação em Psicologia**. Paraná V.5 2001. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3321/0> acesso em: 15 fev. 2019.

LÜCK, H. **Pedagogia Interdisciplinar – Fundamentos teórico-metodológicos**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MAGALHAES, L. H.; LIMA, C. F.; TEIXEIRA, A. M. S. V.; FRANÇA, C. M.; FERREIRA, P. R. **Metodologia ativa e formação de professores**: Uma proposta com base na sala de aula invertida. Adeb. Londrina, PR mai. 2017.

MARTINS. S.N; DIESEL, A; BALDEZ, A.L.S. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**. Lajeado, RS. v. 14, n. 1 . 2017. Disponível em:
<http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/viewFile/404/295> Acesso em: 12 fev. 2019.

MARTINS; R. M. K. Pedagogia e andragogia na construção da educação de jovens e adultos. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 12, n. 1, p. 143-153, jan./jun. 2013
Disponível em:
<http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/20331/12520> Acesso em: 18 fev. 2019.

MORAN, J. M. Novos modelos de sala de aula. **Revista Educatrix**, n.7, Editora Moderna, p. 33-37, 2018.

NOGUEIRA, S. M. A andragogia: que contributos para a prática educativa?. **"Linhas"**.. Vol. 5, nº 2 (2004) 23 p. Disponível em:
<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/15554> Acesso em: 18 fev. 2019.

PEREIRA, E. A; MARTINS, J. R.; ALVES, V. dos S. e DELGADO, E. I. – A contribuição de John Dewey para a Educação. **Revista Eletrônica de Educação**. São Carlos, SP: UFSCar, v.3, no. 1, p. 154-161, mai. 2009. Disponível em:
<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/38/37> Acesso em 15 fev. 2019.

ROCHA.R. **O Método da Problematização: Prevenção às Drogas na Escola e o Combate a Violência**. Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE. Londrina, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/552-4.pdf> Acesso em: 12 fev. 2019.

SILVA, G. K. B.; ALMEIDA, S. A. B.; LUCENA, A. P. C. Contribuições das metodologias ativas no processo de ensino-aprendizagem do curso de bacharelado em administração. **CIET: EnPED, [S.l.]**, maio 2018.

SMANIOTTO, S. R. U. Alunos Adultos e a Vivência no Ensino Superior. **Revista Técnico-Científica Das Faculdades Atibaia**. São Paulo, V.1 n.9. 2011. Disponível em: <http://momentum.emnuvens.com.br/momentum/article/view/61> Acesso em: 18 fev. 2019.

SOUZA, N. R; VERDINELLI M. A. Aprendizagem ativa em administração: Um estudo da aprendizagem baseada em problemas (PBL) na graduação. **Pretexto**. Belo Horizonte v.15, NE p. 20 – 47. 2014. Disponível em:
<http://www.fumec.br/revistas/pretexto/article/view/1496> Acesso em: 15 fev. 2019.

URAI, G. M. P. C; AZEVEDO, L. A. S. Metodologias ativas nas aulas de

administração financeira: alternativa ao método tradicional de ensino para o despertar da motivação intrínseca e o desenvolvimento da autonomia.

Administração: ensino e pesquisa Rio de Janeiro v. 18 no 1 p. 39–67 jan-abr 2017. Disponível em: <https://raep.emnuvens.com.br/raep/article/viewfile/473/pdf> Acesso em: 15 fev. 2019.

WANNER, T.; PALMER, E. **Personalising learning**: Exploring student and teacher perceptions about flexible learning and assessment in a flipped university course. *Computers & Education*, v.88, p. 354-369, 2015.

_____. Parecer CNE/CES 32/2013. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF 19 de agosto de 2016. Seção 1, p.17. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12840-pces032-13-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 12 fev. 2019.

_____. Resolução nº 4, de 13 de julho de 2005. Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Superior. **Diário Oficial [da] União, Brasília**, DF, 19 de julho de 2005, Seção 1, p. 26. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces004_05.pdf Acesso em: 12 fev. 2019.



Faculdade
Católica
de Anápolis

*Investindo em conhecimento e
valorizando a pessoa humana*

Aut. Decr. 25/07/95
Reconhecimento Renovado
pela Portaria Ministerial
Nº 589 de 06/09/06
CNPJ : 00 772 442/0001-56
Insc. Mun. 40111
Rua 05, 580, Cidade Jardim
CEP : 75080-730, Anápolis – GO
Fone: 62 39431048 / 3943-3972
Fax: 3321-1048

QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA

Caro colega,

Sou aluno da pós-graduação em Docência Universitária e para entender os métodos utilizados e abordados em sala de aula, solicito o seu auxílio para identificar a percepção dos alunos do curso de administração sobre a metodologia ativa nos seus respectivos cursos de graduação.

O questionário a ser respondido manterá o anonimato dos respondentes e os resultados, após tabulação e análise, serão utilizados para compor dados em um artigo científico a ser publicado.

Desde já agradeço por sua valiosa colaboração!

Metodologia Ativa.

É um processo que possui como principal característica a inserção do aluno como agente responsável pela sua aprendizagem. A metodologia ativa surge como proposta para focar nos processos de ensino/ aprendizagem na busca da participação ativa dos envolvidos centrada na realidade que estão inseridos.

Segundo Camargo e Daros (2018), as metodologias ativas são um conjunto de atividades organizadas, com a presença marcante educativa, no qual os estudantes deixam de ser um agente passivo (que apenas escuta) e passa a ser um membro ativo no processo de ensino/ aprendizagem.

Questionário

1. Sexo: () Masculino () Feminino
2. Idade: _____ anos
3. Semestre: _____
4. Trabalha: () Sim () Não
5. Qual o seu nível de participação nas aulas ministradas?
() Ruim () Regular () Bom () Muito Bom () Indiferente

6. As aulas ministradas são de cunho participativo?

Ruim Regular Bom Muito Bom Indiferente

7. Como é a relação professor/ aluno na sala de aula?

Ruim Regular Bom Muito Bom Indiferente

8. Qual a frequência de aulas dinâmicas, abordadas pelos professores onde o aluno seja o protagonista do processo de ensino/ aprendizagem?

Nunca As Vezes Sempre Raramente

9. Na sala de aula, o(s) professor(es) permite(m) um processo de escuta e dialogo onde possibilite uma construção de caminhos, propondo assuntos atuais e práticos?

Nunca As Vezes Sempre Raramente

10. Como avalio o processo de ensino/ aprendizagem na instituição na qual estudo?

Ruim Regular Bom Muito Bom Raramente

11. Você se considera colaborador do processo ensino/ aprendizagem na instituição a qual estuda? Por quê? E como avalia os métodos utilizados pelos professores.
